

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

JULIA PORTO MORGADO SOARES



A tradução de notas de rodapé no conto *Lord Arthur Savile's Crime*, de Oscar Wilde:
uma análise

Uberlândia/MG
2023

JULIA PORTO MORGADO SOARES

A tradução de notas de rodapé no conto *Lord Arthur Savile's Crime*, de Oscar Wilde:
uma análise

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Tradução.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Paula Godoi Arbex.

Uberlândia / MG

2023

JULIA PORTO MORGADO SOARES

A tradução de notas de rodapé no conto *Lord Arthur Savile's Crime*, de Oscar Wilde:
uma análise

Monografia apresentada ao Curso de Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Tradução

Banca de Avaliação:

Prof^a. Dr^a. Paula Godoi Arbex. – UFU

Orientador

Prof. Dr. Stéfano Paschoal – UFU

Membro

Prof^a. Dr^a. Silvana Maria de Jesus – UFU

Membro

Uberlândia/MG, 28 de novembro de 2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao grande amor da minha vida, Narrimara, minha companheira de aventuras que sempre me incentivou ao longo desse percurso, sempre vendo o melhor em mim mesma quando eu não via, sempre me mostrando que eu conseguiria. Sem você eu não teria chegado até aqui.

Agradeço à minha mãe, Angela, que infelizmente foi para outro plano muito cedo, mas que eu sei que me acompanhou e me acompanhará até o fim. Afinal, *eu só posso ver bem com o coração, o essencial é invisível aos olhos*.

Agradeço ao meu pai, Marcos, e à Cris, por sempre ficarem orgulhosos de mim.

Agradeço aos meus amigos e familiares, que me acompanharam nessa jornada, vocês são incríveis.

Agradeço ao meu primeiro orientador, Prof. Dr. Stéfano Paschoal, a quem eu sempre vi como uma grande inspiração acadêmica e por quem eu tenho um carinho enorme.

Agradeço à minha segunda orientadora, Prof^a. Dr^a. Paula Godoi Arbex, por toda a paciência e incentivo, não só na monografia, mas em todo o meu percurso na tradução.

Agradeço aos professores Igor, Marileide, Francine, Silvana, Cynthia e Daniel, vocês sempre farão parte de mim, e por isso eu serei eternamente grata.

RESUMO

Este trabalho propõe-se a analisar três traduções, para o português, do conto de Oscar Wilde, *Lord Arthur Savile's Crime* (“O Crime de Lorde Arthur Savile”), com foco em suas notas de rodapé – no texto-fonte e no texto traduzido. A história das notas de rodapé remonta a muitos séculos e está intimamente ligada ao desenvolvimento da escrita e da impressão ao longo do tempo. Inicialmente escritas a mão, as notas de rodapé eram frequentemente usadas para comentar ou explicar o texto principal, e hoje continuam a ser uma ferramenta importante para fornecer informações adicionais, referenciar fontes e esclarecer pontos em textos acadêmicos, literários e científicos. Em nossa pesquisa, a análise das notas de rodapé do conto *Lord Arthur Savile's Crime*, de Oscar Wilde, serão analisadas em três traduções diferentes, incluindo a versão online feita para o leitor digital Kindle. Utilizaremos como referencial teórico os escritos de Genette (1987), que proporcionam uma abordagem mais abrangente e holística para a compreensão das obras literárias e dos paratextos. Examinaremos, também, a contribuição de Grafton (1998), que investiga como as notas de rodapé surgiram como uma resposta à necessidade de fornecer informações adicionais ou citações em textos impressos. No campo da tradução, lançaremos mão da proposta de Lawrence Venuti (1995), ao abordar os conceitos de estrangeirização e de domesticação na tradução de textos literários, aplicando esses pressupostos na análise das notas de rodapé do referido conto de Wilde nas traduções selecionadas.

Palavras-chave: Tradução literária. Notas de rodapé. Oscar Wilde. O Crime de Lorde Arthur Savile.

ABSTRACT

This work proposes to analyze three translations, into Portuguese, of Oscar Wilde's short story, "Lord Savile's Crime", focusing on its footnotes - in the source text and in the translated text. The history of footnotes goes back many centuries and is closely linked to the development of writing and printing over time. Initially handwritten, these footnotes were often used to comment on or explain the main text, and today they continue to be an important tool for providing additional information, referencing sources, and clarifying points in academic, literary, and scientific texts. In our research, the analysis of the footnotes of the short story Lord Arthur Savile's Crime, by Oscar Wilde, will be analyzed in three different translations, including the online version made for Kindle e-reader. We will use as a theoretical reference the writings of Genette (1987), which provide a more comprehensive and holistic approach to understanding literary works and paratexts. We will also examine the contribution of Grafton (1998), who investigates how footnotes emerged as a response to the need to provide additional information or citations in printed texts. In the field of translation, we will use Lawrence Venuti's theory (1995), which addresses the concepts of foreignization and domestication in the translation of literary texts, applying these assumptions based on the analysis of the footnotes of the aforementioned Wilde story in the selected translations.

Keywords: Literary translation. Footnotes. Oscar Wilde. Lord Savile's Crime.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. BREVE NOTA SOBRE A VIDA E A OBRA DE OSCAR WILDE.....	10
3. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA E REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.1. A nota de rodapé e os paratextos: os estudos de Genette e Grafton...	13
3.2. Estrangeirização e domesticação em textos traduzidos, segundo Venuti.....	19
4. ANÁLISE COMPARATIVA DAS NOTAS DE RODAPÉ DO CONTO <i>LORD ARTHUR SAVILE'S CRIME</i> , DE OSCAR WILDE, EM TRÊS TRADUÇÕES.....	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
6. REFERÊNCIAS.....	38

1. INTRODUÇÃO

O trabalho que ora se apresenta tem como objetivo principal analisar a tradução de notas de rodapé do conto *Lord Arthur Savile's Crime* (“O Crime de Lorde Arthur Savile”), de Oscar Wilde. Para tanto, serão utilizadas três edições: a primeira, bilíngue, apresenta o texto em inglês seguido da tradução, para o português, de Luciana Salgado, publicada pela Editora Landmark, em 2018; a segunda, com tradução para o português de Oscar Mendes, foi publicada pela Editora Nova Aguilar, e sua primeira edição data de 1961; a terceira é a edição *online*, feita para o leitor digital *Kindle*, da editora Mimética, de 2023, em que não consta o nome do tradutor. Esse conto de Wilde pode ser encontrado em várias outras traduções de diferentes editoras, como, por exemplo, a Editora Eldorado Espírita, em edição de 1994, que modifica o nome da obra para: “O destino de Lord Arthur Savile” e não menciona o tradutor.

A escolha das três editoras e de suas respectivas traduções para a análise desse conto foi motivada pela a diferença temporal entre uma tradução e outra e entre os próprios tradutores, e pelo fato de a edição da Landmark ser uma obra bilíngue, facilitando o cotejo entre o texto em inglês e em português.

O conto, no original em inglês, possui algumas notas de rodapé, elaboradas pelo próprio autor, Oscar Wilde, que previa, por certo, o desconhecimento de seus leitores acerca de algumas marcas culturais ou, então, vislumbra a necessidade de esclarecer ou estender o sentido de um termo ou expressão. As hipóteses a esse respeito serão apresentadas posteriormente.

Uma vez lidas as traduções, percebemos que, acerca das notas, a tradução não foi coincidente, ou seja, as informações das notas de rodapé no texto em inglês apareceram em *formatos* diferentes em português: ou em notas de rodapé, ou com o significado dos termos e expressões registrado ou “diluído” no próprio corpo do texto.

Essas diferenças nos motivaram a investigar mais a fundo os critérios para as anotações, isto é, o papel das notas em traduções literárias, buscando levantar hipóteses acerca dos critérios escolhidos pelos três tradutores. Além disso, como não há notas de rodapé na tradução do Kindle – e tal ausência não se relaciona a esse conto de Wilde, de modo específico, mas ao padrão do dispositivo – sentimo-nos incentivados a investigar qual significado foi atribuído às palavras que deram

origem às notas de rodapé nas outras traduções, e até que ponto a definição (ou conceituação) é coincidente.

Tendo em vista que obras literárias muitas vezes fazem referência a outros escritos, autores ou tradições literárias, as notas de rodapé podem ajudar a estabelecer conexões entre o texto em questão e outras obras relevantes, permitindo que os leitores identifiquem influências, alusões ou diálogos intertextuais que possam enriquecer sua compreensão e apreciação da obra. Em certos casos, as notas de rodapé também podem ser utilizadas para apresentar diferentes interpretações ou abordagens tradutórias adotadas pelo tradutor. Isso pode ser especialmente relevante em obras mais “complexas”, na quais as notas podem fornecer *insights* sobre as decisões tomadas no processo de tradução, estimulando reflexões e debates críticos.

Muitos textos em língua estrangeira e no vernáculo refletem características culturais que, muitas vezes, são desconhecidas de seus leitores. Assim, uma função primordial da nota de rodapé é tornar possível o entendimento de determinado termo, expressão ou trecho, criando uma “ponte” entre o texto e seu leitor.

Nesse sentido, o estudo de Genette (1987) sobre o paratexto proporcionou uma abordagem mais abrangente e holística para a compreensão das obras literárias. O autor destacou a importância de considerar não apenas o texto em si, mas também os elementos que o cercam, reconhecendo o papel ativo do leitor na construção do sentido da obra. Sua teoria do paratexto foi influente e amplamente adotada no campo dos estudos literários, fornecendo uma base conceitual para a análise dos aspectos contextuais e interpretativos de obras da literatura.

Embora a relação entre os estudos de Genette e as notas de rodapé seja mais uma extensão teórica do que o foco central de sua obra, suas reflexões sobre o paratexto oferecem uma estrutura conceitual para compreender o papel das notas de rodapé dentro do contexto mais amplo da recepção e interpretação de uma obra literária. Segundo o autor, como parte do paratexto, as notas de rodapé podem enriquecer a experiência de leitura, fornecer esclarecimentos e ampliar o conhecimento sobre o texto principal.

Por meio dessa abordagem, percebemos com maior clareza o uso de notas de rodapé em textos literários e texto históricos, com o intuito de exemplificar e esclarecer pontos e aproximar ainda mais o leitor da obra. Mas nem sempre as notas de rodapé foram aceitas facilmente nesses contextos. Por muitos séculos, elas

eram vistas como “sujeiras” no final da página, julgadas desnecessárias e severamente criticadas no âmbito de textos literários e textos históricos. Outros, entretanto, as consideravam um ato corajoso de aproximação e até mesmo as tomavam como um certo diálogo com o leitor.

No século XVIII, as notas de rodapé começaram a ser utilizadas como formas de comentários e, muitas delas, apareciam no formato de sátiras. Mas é possível encurtar um pouco mais essa distância quando nos deparamos com as traduções das obras de Homero, como a *Ilíada* e a *Odisseia*. No século XIX, o então tradutor brasileiro Odorico Mendes se vê em um grande desafio: traduzir mais de 15 mil versos da *Ilíada*. Sua tradução foi comentada de forma bastante positiva e, ao mesmo tempo, odiada, pois suas notas de rodapé mostravam, muitas vezes, seus próprios pontos de vista e sua própria interpretação. Estudiosos e até mesmo outros tradutores demonstraram descontentamento, pois se tratava de informações que fugiam da “realidade” do original. Outros, contudo, consideraram o fato bastante inovador, pois os leitores conseguiam, por meio das notas, vislumbrar o que poderiam ser aqueles versos no contexto de sua originalidade (Oliveira, p. 8).

Voltando ao tema deste trabalho, haverá um capítulo exclusivo para abordar a vida e a obra de Oscar Wilde, com destaque para a coletânea de quatro contos de mistério, publicada em 1891, em que aparece “Lord Arthur Savile’s Crime”, sendo os outros três contos: “The Canterville Ghost”, “The Sphinx Without a Secret” e “The Model Millionaire”. Outro capítulo será destinado aos teóricos que abordam as notas de rodapé e os paratextos, com destaque para o já aludido Genette e Grafton. Também haverá um capítulo com os exemplos comparativos das notas (originais e traduzidas), buscando revelar as diferenças encontradas nas traduções das notas de rodapé entre uma edição e outra. Por fim, veremos os conceitos de Lawrence Venuti (1995) sobre a estrangeirização e a domesticação de traduções de textos literários, e como ela se aplica ao objeto de análise deste trabalho, refletindo-se nas escolhas dos tradutores, e seu impacto nos leitores da obra traduzida.

2. BREVE NOTA SOBRE A VIDA E A OBRA DE OSCAR WILDE



Figura 1 – Oscar Wilde (1854-1900)

Fonte: <https://www.loc.gov/item/2004672260/>

Oscar Wilde (1854-1900) foi um renomado escritor, dramaturgo e poeta irlandês. Ele é conhecido por sua inteligência afiada, seu estilo satírico, suas contribuições para a literatura e por escândalos que marcaram sua vida. Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde nasceu em 16 de outubro de 1854, em Dublin, Irlanda. Ele era o segundo filho de Sir William Wilde, um respeitado cirurgião e escritor, e de Jane Francesca Elgee, uma poetisa e escritora. Wilde recebeu uma educação de elite, estudando no Trinity College, em Dublin, e mais tarde na Magdalen College, em Oxford, onde se destacou em literatura clássica e retórica. Após concluir seus estudos em Oxford, Wilde mudou-se para Londres, onde se tornou um proeminente crítico literário e escreveu para várias publicações. Ele se notabilizou por seu estilo eloquente e por suas críticas frequentemente marcadas por um toque de sarcasmo.

Em 1884, Oscar Wilde casou-se com Constance Lloyd, com quem teve dois filhos. No entanto, seu casamento logo se tornou infeliz, e Wilde se revelou homossexual, o que desencadeou uma série de problemas em sua vida pessoal. Suas obras mais famosas incluem "O Retrato de Dorian Gray", um romance que explora temas de decadência e moralidade, e peças teatrais, como "A Importância de Ser Prudente", que satirizam a sociedade vitoriana com um toque de humor mordaz.

Wilde também ficou conhecido por sua personalidade excêntrica e sua tendência a desafiar as normas sociais. Seus trajes extravagantes e suas frases espirituosas tornaram-no uma figura icônica na sociedade da época. Infelizmente, sua vida tomou um rumo difícil quando ele enfrentou um escândalo público ao ser processado por difamação e depois condenado por "indecência grosseira", devido a seu relacionamento com outro homem, o notório filho do Marquês de Queensberry, Lord Alfred Douglas. Isso leva Wilde a um confronto legal contra o Marquês de Queensberry por difamação, mas o caso foi revertido e Wilde foi acusado de "sodomia e incidências graves".

Após sua condenação, Wilde passou dois anos na prisão realizando trabalhos forçados, o que teve um impacto significativo em sua saúde e carreira. Ele viveu seus últimos anos em Paris, utilizando um nome falso para fugir das críticas, onde faleceu em 1900. Apesar das dificuldades vividas, o legado de Oscar Wilde como um dos grandes escritores do século XIX perdura até hoje, com suas obras continuando a ser lidas e apreciadas. Oscar Wilde, pode-se dizer, é uma figura complexa e multifacetada na história literária e social, lembrada tanto por seu brilhantismo literário quanto pelos desafios que enfrentou devido a sua orientação sexual e estilo de vida controverso.

"O Crime de Lorde Arthur Savile" (ou "O Crime de Lorde Arthur Savile e Outras Histórias") é um conto curto de Oscar Wilde, publicado pela primeira vez em 1891. Faz parte de uma coleção de histórias que exploram temas satíricos e humorísticos, características distintivas do estilo literário de Wilde. A história gira em torno de Lorde Arthur Savile, um jovem aristocrata prestes a se casar com uma mulher chamada Sybil Merton. No entanto, um quiromante (leitor de mãos) prevê que Lorde Arthur cometerá um assassinato. Preocupado com essa previsão, Lorde Arthur decide tomar medidas drásticas para evitar qualquer escândalo em seu futuro casamento.

Ele começa a buscar maneiras de cometer o tal crime previsto, acreditando que assim poderá evitar o destino trágico. A história segue seus esforços hilários e seus encontros com diversos personagens excêntricos, enquanto tenta cumprir sua "missão" de assassinar alguém. A narrativa é repleta de ironia e sátira, explorando temas como a futilidade das superstições e a absurdidade das preocupações sociais. Wilde usa o conto para comentar sobre as convenções da alta sociedade da época e as expectativas que recaem sobre os indivíduos, levando a situações cômicas e inesperadas.

Em última análise, "O Crime de Lorde Arthur Savile" é uma amostra do estilo literário distintivo de Oscar Wilde, que mescla humor afiado, crítica social e elementos do gênero fantástico. A obra é uma leitura breve, mas rica em reflexões e entretenimento.

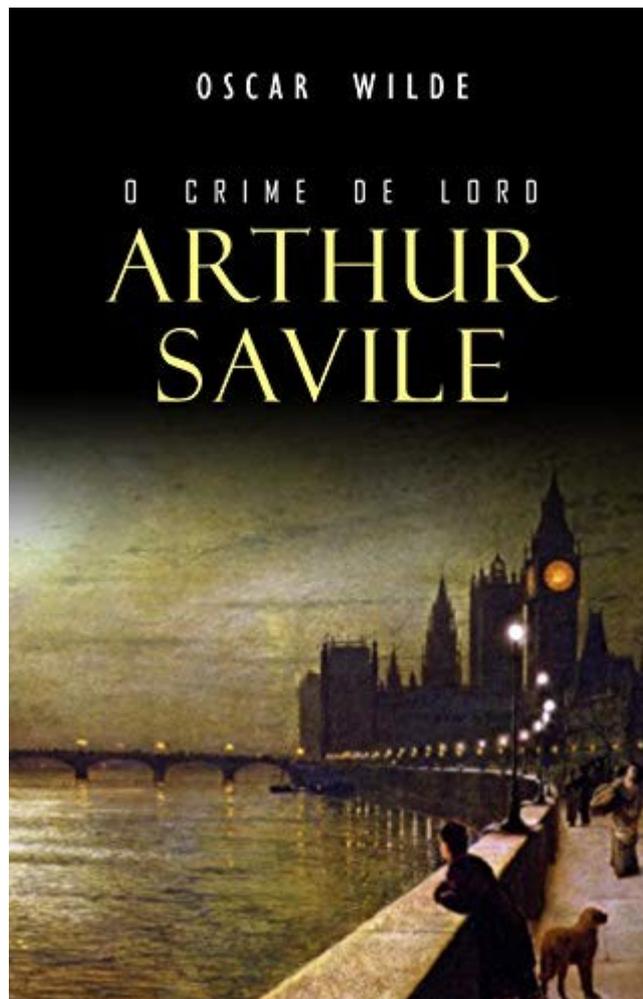


Figura 2 – Capa da edição online do Kindle

Fonte: <https://www.amazon.com.br/Crime-Lord-Arthur-Savile-ebook/dp/B07PRJ6BHY>

3. DESCRIÇÃO METODOLÓGICA E REFERENCIAL TEÓRICO

Esse trabalho parte da leitura do conto *Lord Arthur Savile's Crime*, no original em inglês, presente na edição bilíngue da editora Landmark, publicada no ano de 2018, com tradução de Luciana Salgado. Em seguida, foi realizada a leitura do conto, em português, da editora Nova Aguilar, em sua terceira edição, do ano de 1986, com tradução de Oscar Mendes. A terceira leitura foi a da edição online da obra para o Kindle, da editora Mimética, do ano de 2023. Nessa edição do Kindle não consta o nome do tradutor.

Após a leitura do conto e suas respectivas traduções, foi feito um levantamento das notas de rodapé, que constam em todas as versões lidas, tanto no original quanto nas traduções, para verificação se todas as notas de rodapé do original constavam em todas as traduções analisadas e também para que as traduções das notas pudessem ser examinadas. Depois desse levantamento, foi realizada uma análise comparativa entre as traduções e também entre as traduções e o texto original, sob a luz dos conceitos de Venuti (1995), de estrangeirização e domesticação nas traduções. Todo o trabalho de pesquisa foi acompanhado da leitura acerca dos paratextos, segundo Genette (1987), e sobre a história e a origem das notas de rodapé, segundo Grafton (1987).

3.1 A nota de rodapé e os paratextos – os estudos de Genette e Grafton

A importância de se realizar uma análise detalhada da tradução de notas de rodapé vem de uma vertente com que nos deparamos todas as vezes em que nos perguntamos “O que são notas de rodapé?”. Se nos for pedida uma explicação ou uma definição, responderemos, em princípio, que são aquelas pequenas linhas destacadas ao final de uma página. Uma pergunta que extrapole a perspectiva formal exigiria de nós certa reflexão, e o papel das notas de rodapé estaria condicionado à natureza do texto, à sua finalidade, ao seu público-alvo e, mais importante, ao fato de o texto-fonte, o “original”, possuir ou não notas de rodapé.

Nessa reflexão, é importante destacar que as notas de rodapé servem como uma ponte entre o texto e o leitor, sendo utilizadas, por conseguinte, como meio de comunicação e explicação para termos, expressões ou, mesmo, lugares que possam ser desconhecidos para ele. Muitos textos literários não possuem notas de rodapé, por não as julgarem necessárias ou relevantes, enquanto outros, que as

possuem, podem nos mostrar uma perspectiva totalmente nova e desafiadora. No campo da tradução, seria mais adequado desconsiderá-las e privilegiar apenas um texto sem notas? Ou traduzi-las? Ou, ainda, ousar um pouco mais, como no caso das traduções de Odorico Mendes, em que ele avança para um novo patamar, acrescentando evidências pessoais e conversando, literalmente, com o seu leitor, tornando-se totalmente visível na obra?

A importância dessa reflexão reside no fato de nos permitir adentrar um mundo totalmente novo e que apresenta certo “perigo” para a tradução. Em obras físicas, é possível verificar essas notas de rodapé e realizar uma análise minuciosa sobre elas, mas, quando nos encontramos em ambiente digital, ou em determinadas plataformas que disponibilizam versões digitais, como, por exemplo, o Kindle, verificamos que as notas de rodapé desaparecem, já que o novo formato (e-book) permite a consulta a cada uma das palavras do texto, e não àquelas exclusivamente “filtradas” pelo autor.

Outra análise possível nos conduz à concepção de tradutores que acreditam ser imprescindível traduzir todo e qualquer elemento do texto. Por meio da comparação entre as três traduções analisadas, demonstraremos se a tradução de todos os elementos do original é de fato necessária – reportamo-nos aqui às notas de rodapé no texto original, e como isso ocorre, ou seja, se as notas de rodapé devem ser traduzidas como notas de rodapé ou se seu conteúdo pode ser registrado no corpo do texto, como ocorre algumas vezes.

As notas de rodapé são um recurso comumente utilizado na tradução de textos literários para fornecer informações adicionais, explicações ou esclarecimentos sobre termos, referências culturais, contextos históricos ou outras questões relevantes que possam auxiliar os leitores a compreender melhor o texto original. Segundo Grafton (1998), a prática de utilizar notas de rodapé remonta à Antiguidade, quando os estudiosos e tradutores começaram a adicionar comentários e explicações em textos clássicos.

No entanto, o uso sistemático das notas de rodapé na tradução literária se desenvolveu principalmente durante o Renascimento, período em que houve um interesse renovado pelas obras clássicas gregas e latinas.

Naquela época, os tradutores frequentemente se deparavam com palavras ou referências que poderiam não ser compreendidas pelos leitores do seu tempo. Para lidar com esse desafio, eles passaram a adicionar notas explicativas ao pé das

páginas, como uma forma de fornecer informações adicionais sem interromper a fluidez do texto principal.

Com o passar dos séculos, a prática das notas de rodapé na tradução literária evoluiu e se tornou mais sofisticada. Os tradutores começaram a usar as notas de rodapé não apenas para explicar termos ou referências, mas também para abordar questões interpretativas, discutir escolhas tradutórias, apresentar variantes textuais e até mesmo para incluir comentários pessoais sobre o texto.

Grafton (1998) também nos mostra que o uso das notas de rodapé na tradução literária não é consensual. Alguns críticos argumentam que as notas podem interromper a leitura fluida e distrair os leitores, desviando sua atenção do texto principal. Além disso, as notas de rodapé podem ocupar espaço considerável nas páginas e, em algumas edições, podem chegar a superar o próprio texto traduzido em quantidade:

No século XVIII, a nota de rodapé das obras históricas constituía uma forma nobre de arte literária. Nenhum historiador iluminista atingiu uma escala mais épica ou um estilo mais clássico do que Edward Gibbon em *Declínio e queda do Império Romano*. E nada nessa obra divertiu seus amigos ou enfureceu seus inimigos mais do que as notas de rodapé (Grafton, p. 13).

Grafton (1998) investiga como as notas de rodapé surgiram como uma resposta à necessidade de fornecer informações adicionais ou citações em textos impressos. Ele rastreia sua evolução desde os primeiros manuscritos medievais até a invenção da imprensa por Johannes Gutenberg, no século XV, que permitiu a disseminação mais ampla das notas de rodapé nos livros impressos.

O autor também explora a função e o uso das notas de rodapé ao longo do tempo. Ele discute como elas foram inicialmente usadas para corrigir erros ou adicionar informações ao texto principal, mas ao longo dos séculos se expandiram, para incluir comentários eruditos, referências bibliográficas, discussões críticas e até mesmo anedotas divertidas ou pessoais.

Em “As origens trágicas da erudição: Pequeno tratado sobre a nota de rodapé”, Grafton (1998) também examina as mudanças nas práticas de citação, a influência das notas de rodapé no desenvolvimento da erudição e da crítica textual, bem como os debates em torno da sua utilidade e abuso. Ele destaca o papel

essencial das notas de rodapé no avanço do conhecimento acadêmico e no estabelecimento de um diálogo crítico entre os estudiosos:

De certo modo, elas constituem nas ciências humanas um equivalente das referências e dados nos relatórios científicos; fornecem suporte empírico para as histórias contadas e os argumentos apresentados. Sem elas, pode-se admirar ou desaprovar as teses históricas, mas não as verificar ou refutá-las (Grafton, p. 7).

Ao explorar a curiosa história das notas de rodapé, Anthony Grafton (1998) proporciona uma compreensão mais profunda de sua importância na cultura escrita e acadêmica.

Como aponta Grafton, Edward Gibbon (1788) utilizava as notas de rodapé para compreensão e aprofundamento do texto principal, oferecendo detalhes sobre eventos, personagens e fontes históricas. Sua abordagem rigorosa e meticulosa nas notas de rodapé conferiu à sua obra um caráter erudito e acadêmico.

Ainda conforme Grafton, assim como Gibbon, Jonathan Swift foi outro autor que explorou as notas de rodapé como um recurso literário e informativo para enriquecer suas obras (entre elas, o seu principal romance, "As viagens de Gulliver", de 1726, que mistura viagem, aventura e ficção científica). Enquanto Swift as usava principalmente como uma ferramenta satírica e irônica, Gibbon as utilizava como um meio de apresentar pesquisa e evidências históricas. Ambos os escritores demonstraram habilidades distintas em sua abordagem do uso das notas de rodapé, adaptando-as às suas respectivas intenções e estilos de escrita.

Gerard Genette (1930-2018) foi um renomado teórico literário francês, e suas contribuições aos estudos dos paratextos é amplamente reconhecida e fundamental para os estudos literários. Seu trabalho desenvolveu uma abordagem sistemática e analítica para compreender os elementos que cercam um texto literário. Seu trabalho é de particular relevância, uma vez que ele não apenas cunhou o termo "paratexto", mas também desenvolveu uma abordagem sistemática e analítica para compreender os elementos que circundam um texto literário, muitas vezes subestimados em relação ao próprio texto. Isso significa que ele deu nome a uma área de estudo que anteriormente carecia de uma terminologia específica, tornando mais fácil a discussão e a análise desses elementos.

Genette (1987) se refere aos paratextos como elementos textuais e não textuais que não fazem parte do corpo principal do texto literário, mas que o acompanham. Assim, ele considera paratextos elementos como o título, prefácios, introduções, epígrafes, ilustrações, capas de livro, nome do autor, notas de rodapé, entre outros. O autor ressalta, ainda, a relevância desses elementos:

O paratexto compõe-se, pois, empiricamente, de um conjunto heteróclito de práticas e de discursos de todos os tipos e de todas as épocas que, em nome de um grupo de interesse, ou convergência de efeitos, que me parece mais importante do que a sua diversidade de aspecto, eu reúno sob esse termo (Genette, p.10).

Genette (1987) qualifica dois tipos de paratextos: o paratexto autoral, constituído por elementos criados pelo próprio autor da obra literária, como os prefácios, introduções, epígrafes, dedicatórias, notas do autor e outros elementos que o autor possa considerar relevante para o enriquecimento e compreensão do texto principal; e o paratexto editorial, que se constitui de elementos criados pela equipe editorial, como capas, sinopses, nome do autor, notas de rodapé, revisões críticas, informações sobre edições anteriores etc.

É interessante notar que Genette (1987) enfatiza a diferença dessas duas categorias de paratextos, pois cada uma desempenha um papel específico na interação entre o autor, o leitor e a obra literária. Os paratextos autorais refletem a intenção do autor, enquanto o paratexto editorial reflete a promoção e a comercialização da obra literária.

Para o autor, o paratexto é constituído de duas modalidades: o epitexto, que está situado no entorno do texto, mas com uma distância marcada por uma divisão em relação à obra, como resenhas, entrevistas com o autor, debates etc.; e o peritexto, que se refere a uma categoria espacial, moldada pela continuidade da obra literária, como o título, o nome do autor, capa, ilustração etc.

Esses elementos do paratexto, segundo Genette (1987), "com efeito de franja", sempre carregando um comentário autoral ou ao menos legitimado pelo autor, retomam o texto com força discursiva. Sendo assim, não deveriam ser lidos na sua marginalidade, mas, sim, ao contrário, como verdadeiros atos de linguagem que, de certa forma, auxiliam a obra literária pelo simples fato de existirem.

Genette (1987) argumentou, ainda, que o paratexto desempenha um papel crucial na recepção e compreensão de uma obra literária. Ele examinou como esses elementos influenciam as expectativas dos leitores, moldam a percepção da obra e fornecem orientações interpretativas. Por exemplo, o título de uma obra pode sugerir seu gênero, estilo ou tema, afetando a forma como o leitor aborda o texto. Da mesma forma, um prefácio ou uma introdução podem fornecer informações sobre o contexto histórico, a intenção do autor ou a interpretação da obra, influenciando a leitura e a compreensão do texto principal.

Além disso, Genette (1987) também considerou o papel das notas de rodapé como parte do paratexto. Ele argumenta que as notas de rodapé podem ter diversas funções, como fornecer esclarecimentos, citar fontes, explicar termos ou conceitos, oferecer comentários adicionais ou até mesmo desviar a atenção do texto principal. As notas de rodapé, assim como outros elementos do paratexto, podem direcionar a leitura e influenciar a maneira como o texto é interpretado. O autor destaca:

Esse acompanhamento, de extensão e conduta variáveis, constitui o que em outro lugar batizei de paratexto da obra, conforme o sentido as vezes ambíguo desse prefixo em francês: vejam, dizia eu, adjetivos como "parafiscal" ou "paramilitar". Assim, para nós, o paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público. Mais do que um limite ou uma fronteira estanque, trata-se de um limiar [...] (Genette, p. 9).

A análise de Genette (1987) sobre o paratexto proporciona uma abordagem mais abrangente e holística para a compreensão das obras literárias. Ele destaca a importância de considerar não apenas o texto em si, mas também os elementos que o cercam, reconhecendo o papel ativo do leitor na construção do sentido da obra. Sua teoria do paratexto foi influente e amplamente adotada no campo dos estudos literários, fornecendo uma base conceitual para a análise dos aspectos contextuais e interpretativos das obras literárias.

Conforme se depreende, a importância dos paratextos revela-se igualmente em textos traduzidos que contenham esses elementos. Para se somar à análise aqui proposta, serão utilizados, também, alguns conceitos específicos dos estudos da Tradução, em especial os conceitos propostos por Venuti, a serem apresentados a seguir.

3.2 Estrangeirização e domesticação em textos traduzidos, segundo Venuti

Dentro do campo da Tradução, o conceito de estrangeirização de Lawrence Venuti (1998) é um conceito-chave na tradução literária e representa uma abordagem tradutória que busca manter a estranheza ou a "alteridade" do texto de origem (texto-fonte) no texto traduzido (texto-alvo). Venuti é um importante teórico da tradução e crítico literário que explorou profundamente as questões de tradução e a influência cultural nas traduções literárias.

O conceito de estrangeirização se opõe ao de "domesticação", que procura tornar o texto traduzido mais acessível e familiar ao público-alvo, adaptando-o às normas e convenções linguísticas e culturais desse público e da língua de chegada.

Sobre a domesticação, Venuti (1998) argumenta que muitas vezes os tradutores tendem a suavizar ou adaptar o texto original de forma a torná-lo mais familiar ou "doméstico" para o público-alvo, em vez de manter a estranheza ou o estrangeirismo da obra original. Isso ocorre frequentemente em traduções de textos literários, na quais o tradutor pode ajustar elementos culturais, referências, trocadilhos e outros aspectos da obra para torná-los mais acessíveis aos leitores da língua de destino. O autor afirma:

As traduções, em outras palavras, realizam inevitavelmente o trabalho de domesticação. Aquelas que produzem poderosamente uma recriação de valores culturais são as mais responsáveis em determinar esse poder, geralmente envolvendo os leitores em termos domésticos que foram desfamiliarizados até certo ponto, criando um encontro fascinante com o texto estrangeiro (Venuti, p. 5, tradução minha)¹.

A domesticação pode ser vista como uma estratégia que visa minimizar a distância cultural e linguística entre o texto original e o público-alvo, tornando a obra mais facilmente compreensível, mas também perdendo parte do sabor, da peculiaridade e da complexidade do texto original. Venuti (1995) argumenta que essa abordagem frequentemente resulta na "invisibilidade" do tradutor, ou seja, o tradutor não é reconhecido pelo seu trabalho de adaptação, o que pode ser problemático em termos de preservar a diversidade cultural e linguística.

¹ No original, em inglês: Translations, in other words, inevitably perform a work of domestication. Those that work best, the most powerful in recreating cultural values and the most responsible in accounting for that power, usually engage readers in domestic terms that have been defamiliarized to some extent, made fascinating by a revisionary encounter with a foreign text.

Venuti (1995) argumenta que os tradutores podem ser mais visíveis e receber o devido reconhecimento por seu trabalho, em vez de serem obscurecidos pelo autor do texto original. Ele acredita que a tradução é uma atividade interpretativa e criativa, e que os tradutores não precisam necessariamente buscar a fidelidade ao texto original, mas sim serem agentes ativos na produção de textos traduzidos.

Para o autor, a estrangeirização busca manter elementos culturais, linguísticos e estilísticos que podem ser percebidos como estranhos ou diferentes do contexto cultural do leitor, permitindo-lhe experimentar, portanto, a sensação de diferença e estranheza presentes no texto de origem. Ao manter características peculiares do texto-fonte, a estrangeirização “desfamiliariza” o texto traduzido, forçando os leitores a questionar suas próprias suposições culturais e linguísticas. Essa estrangeirização é vista como uma forma de respeitar a voz do autor original, permitindo que suas peculiaridades culturais e estilísticas sejam reconhecidas e mantidas na tradução.

A estrangeirização, segundo Venuti (1995), tem implicações políticas, tendo em vista a importância de questionar o poder e a influência das normas culturais dominantes na tradução literária. O autor argumenta, assim, que a tradução pode ser uma forma de resistência cultural.

No entanto, é importante notar que a escolha entre estrangeirização e domesticação não é uma abordagem única e rígida em todas as situações de tradução literária. Os tradutores frequentemente fazem escolhas contextuais, levando em consideração o público-alvo, o texto-fonte e o propósito da tradução. O conceito de estrangeirização de Lawrence Venuti (1995) fornece uma perspectiva crítica importante que continua a influenciar o campo da tradução literária, incentivando os tradutores e os leitores a considerar a diversidade cultural e linguística nas obras traduzidas.

Ao realizar as análises das notas de rodapé, a combinação das teorias de Genette (1987) sobre paratextos, a de Venuti (1995) sobre domesticação e estrangeirização, e a de Grafton (1998) sobre a evolução das notas de rodapé enriquece nossa compreensão da interação entre elementos periféricos, estratégias de tradução e notas de rodapé no âmbito da análise textual. Genette (1987) explora os elementos periféricos que envolvem um texto literário, enquanto Venuti (1995) analisa, na tradução, a escolha entre estrangeirização e domesticação.

Os paratextos podem influenciar a estratégia de tradução, e as notas de rodapé desempenham um papel vital nesse processo. Por exemplo, as notas de rodapé podem ser usadas para explicar termos ou conceitos estrangeiros, apontando, assim, o que seria a essência da estrangeirização na tradução, o que muitas vezes pode auxiliar o leitor na compreensão mais profunda do texto. Genette (1987) destaca como os paratextos moldam as expectativas do leitor. E a tradução, conforme explanado nos conceitos de Venuti (1995), seja por meio da estrangeirização ou da domesticação, também afeta as expectativas do leitor na língua de destino.

As notas de rodapé podem fornecer informações adicionais que auxiliam o leitor a entender o contexto cultural ou histórico de um texto estrangeiro, influenciando, assim, a recepção da obra. Venuti (1995) argumenta que a domesticação frequentemente resulta na "invisibilidade" do tradutor, obscurecendo seu papel na adaptação do texto. As notas de rodapé podem tornar o trabalho do tradutor mais visível, explicando as escolhas de tradução e oferecendo outros pontos de vista sobre a adaptação do texto. Isso ajuda a reconhecer o tradutor como um agente ativo na criação do texto traduzido.

Tanto Genette (1987) quanto Venuti (1995) reconhecem a importância do contexto cultural e intertextual na compreensão de um texto. As notas de rodapé podem fornecer informações sobre as influências culturais e intertextuais presentes no texto, permitindo que o leitor aprecie a riqueza cultural e histórica do original. Isso se relaciona diretamente com a forma com que a tradução é realizada, uma vez que as notas de rodapé podem esclarecer como a estrangeirização ou a domesticação afetam a preservação dessas influências.

A contribuição de Grafton (1998) sobre a história das notas de rodapé acrescenta uma dimensão histórica à análise dos paratextos. Ao considerar a evolução das notas de rodapé ao longo do tempo, é possível explorar como essas notas foram usadas para explicar e contextualizar textos estrangeiros em diferentes épocas. Isso oferece valiosas resoluções sobre como as notas de rodapé se tornaram uma ferramenta essencial na tradução e na interpretação de textos estrangeiros. Sendo assim, a integração das supracitadas teorias de Genette, de Venuti e de Grafton proporciona uma abordagem interdisciplinar para a análise textual. Essas teorias, em conjunto, oferecem uma compreensão mais profunda e

abrangente da complexidade da tradução e da relação entre o texto original e o texto traduzido.

No próximo capítulo, as traduções das notas de rodapé do conto de Wilde, são analisadas comparativamente, levando em consideração os postulados de Venuti e as considerações sobre os paratextos de Genette e Grafton.

4. ANÁLISE COMPARATIVA DAS NOTAS DE RODAPÉ DO CONTO *LORD ARTHUR SAVILE'S CRIME*, DE OSCAR WILDE, EM TRÊS TRADUÇÕES

Nesse capítulo, é apresentada a análise do total de 21 notas de rodapé encontradas no conto de Oscar Wilde, em três diferentes traduções para língua portuguesa publicadas no Brasil. A primeira tradução é a da edição bilíngue da editora Landmark, a segunda é a da editora Nova Aguilar, e a terceira é a tradução da edição online do Kindle. Como mencionado anteriormente, na edição do Kindle não é mencionado o tradutor, e por esse motivo as notas estão descritas com o nome da editora e não com o nome do tradutor. No decorrer das análises, no entanto, em vários momentos são nomeados os outros dois tradutores, junto à respectiva editora, conferindo-lhes visibilidade, diferentemente do que ocorreu na edição do Kindle.

As notas, numeradas de 1 a 21, são expostas em forma de quadros, divididos em quatro colunas, a saber: Nota no original, Nota na tradução Landmark, Nota na tradução Nova Aguilar e Nota na tradução Kindle. Em sequência ao quadro referente a cada uma das notas, apresenta-se a análise respectiva, sob a luz do arcabouço teórico escolhido para esta pesquisa.

Nota 1

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
<i>Speaker's Levée</i> A reception in honor of the Speaker – the presiding officer – of the House of Commons, the United Kingdom's lower chamber of Parliament.	<i>Presidente</i> Uma recepção em homenagem ao Presidente da Câmara dos Comuns, a Câmara Baixa do Parlamento do Reino Unido.	Sem nota. A informação foi empregada no texto como Presidente da Câmara.	Sem nota. Foi deixado na tradução como “audiência do <i>speaker</i> .” O dicionário detalha como 1. Presidente da Câmara dos Comuns, em Inglaterra, 2. O que anuncia os programas, as novelas, na rádio e na televisão; locutor. Etimologia: palavra inglesa que significa “aquele que fala”.

Nessa primeira nota de rodapé, deparamo-nos, em inglês, com *Speaker's Levée*, expressão em que há uma mistura de inglês com francês. No original, na nota de rodapé correspondente, a explicação dada é referente ao presidente da câmara dos comuns. A mesma informação consta na tradução da *Landmark*, feita por Luciana Salgado, dessa nota de rodapé, junto com a informação sobre a Câmara Baixa do Parlamento do Reino Unido. Porém, pelo fato de não haver, em português, uma expressão que corresponda a tal denominação política, mesmo com as notas explicativas é possível notar ainda algum distanciamento com o termo. Já a tradução da *Nova Aguilar*, feita por Oscar Mendes, promove uma maior compatibilidade, pois o termo por ele utilizado na tradução, “Presidente da Câmara”, evoca uma certa familiaridade ao leitor brasileiro. Vemos, também, como a teoria de Genette (1987) sobre os paratextos é funcional para a compreensão do leitor em uma obra literária, neste caso, buscando esclarecer a nota de rodapé do autor original, o que nos evoca também o conceito de domesticação, de Venuti. A tradução do dispositivo *Kindle*, conforme já se aludiu, não possui as notas de rodapé, e o termo *Speaker's Levée* foi mantido sem alterações, porém, com a opção de pesquisa no dicionário dentro do próprio aplicativo. Tal mecanismo se aproxima, por outro lado, do conceito de estrangeirização de Venuti (1995), uma vez que o termo em inglês permanece no texto, sem ser traduzido, levando o leitor a buscar seu significado, se assim o desejar. Ao realizar a análise da tradução das notas de rodapé, é possível o que Grafton (1998) aponta como sendo uma das funções delas: a necessidade de fornecer informações adicionais ao leitor para a compreensão do texto literário.

Nota 2

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
<i>Or pur</i> In French: Pure gold	<i>Or pur</i> Em Francês: Ouro Puro	<i>Or pur</i> Ouro Puro	Sem nota. Foi mantido, na tradução, o termo em francês “d’or pur”. Ao utilizar o próprio dicionário disponibilizado no Kindle, nenhuma referência é encontrada a respeito.

Nessa segunda nota de rodapé, é possível notar a semelhança entre o original e as duas primeiras traduções, respectivamente. Já na tradução do Kindle, foi mantido o original “d’or pur”, termo sobre o qual não há referência no dicionário disponível no Kindle, dificultando o entendimento do trecho. Ao realizar a análise dessas notas, é possível verificar como o conceito de Venuti (1995) sobre a estrangeirização é notável, transportando o leitor ao “estranhamento” e fazendo assim com que o tradutor seja visto.

Nota 3

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
<i>Debrett</i> One of the English nobiliary guides	<i>Debrett</i> Um dos guias nobiliárquicos ingleses.	Sem nota. Foi mantida no texto como <i>Debrett</i> ou <i>Guia nobiliárquico</i> .	Sem nota. A informação da nota não consta na tradução; no lugar, temos: Tinha mudado já várias vezes de marido. Com efeito, inscrevia já três casamentos no seu ativo; contudo, como conservava ainda o mesmo amante, o mundo há muito cessara de murmurar a seu respeito.

A nota de rodapé “Debrett” nos traz a informação sobre nobiliárquicos ingleses, mas sem dizer de fato o que são os nobiliárquicos, e na tradução do Kindle essa informação simplesmente foi apagada da história. De acordo com Genette (1987), o paratexto tem a função de auxiliar o leitor para a compreensão do texto literário e do vocabulário escolhido pelo autor, porém, a nota de rodapé, tanto no original da Landkmark como na tradução de Luciana Salgado, não deixa claro ao leitor o que seriam esses nobiliárquicos ingleses. Na tradução da Nova Aguilar, feita por Oscar Mendes, é possível perceber uma certa estrangeirização, segundo Venuti (1995), pois o termo “Debrett” foi mantido no texto, sem nota de rodapé, fazendo com que o leitor, caso deseje, pesquise pelo tema. Já na tradução do Kindle, o termo foi apagado e não há menção a ele.

Nota 4

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
<p><i>On a fait le monde ainsi</i></p> <p>In French: But they made the world like that.</p>	<p><i>On a fait le monde ainsi</i></p> <p>Em Francês: Mas fizeram o mundo assim.</p>	<p><i>On a fait le monde ainsi</i></p> <p>Fizeram o mundo assim.</p>	<p>Sem nota.</p> <p>A expressão foi mantida na tradução como constava no original. Ao utilizar o próprio dicionário disponibilizado no Kindle, nenhuma referência é encontrada.</p>

Deparamo-nos, no original e nas duas primeiras traduções, com o mesmo significado das notas de rodapé, porém, analisando a tradução do Kindle, nota-se que a informação foi deixada como no original e, ao pesquisar seu significado, o dicionário não nos mostra nenhuma correspondência, o que faz com que o entendimento do trecho novamente seja prejudicado. A estrangeirização está, assim, presente na tradução do Kindle, pois o termo do texto-fonte foi mantido inalterado no texto-alvo. Já as duas primeiras traduções, a da Landmark, de Luciana Salgado, e a da Nova Aguilar, feita por Oscar Mendes, conseguem esclarecer o termo para o leitor, atendendo à necessidade apontada por Grafton (1998).

Nota 5

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
<p><i>Rascette.</i></p> <p>In chiromancy, it represents the part of the hand, next to the wrist, that has transverse lines.</p>	<p><i>Rascette</i></p> <p>Em quiromancia, representa a parte da mão, junto ao punho, que possui linhas transversais.</p>	<p><i>Rascotte</i></p> <p>Em quiromancia, parte da palma da mão, junto ao punho, em que há linhas transversais.</p>	<p>Sem nota.</p> <p>Foi mantido o original: três linhas distintas sobre a <i>rascette</i>... Ao clicar no dicionário, nenhuma correspondência foi encontrada.</p>

A nota de rodapé com o significado de “Rascette” pode ser encontrada tanto na edição da Landmark quanto na edição na Nova Aguilar, porém, quando analisamos a tradução do Kindle, temos somente o trecho “três linhas distintas sobre a *rascette*...”, mas sem a informação do que é *Rascette*, tornando assim incompleto o

entendimento desse trecho. Nas duas primeiras traduções, é possível percebermos a estrangeirização quando o termo “*rascette*” permanece no corpo do texto, em francês. Quando a nota de rodapé colabora para a compreensão do termo, traz ao leitor o vislumbre de seu significado.

Nota 6

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
<i>Lions</i> In a figurative sense the word lion can also mean “celebrity”, “notable person”.	<i>Leões</i> Em sentido figurado a palavra leão pode também significar “celebridade”, “pessoa notável”.	<i>Leões</i> Wilde faz aqui jogo com a palavra “leão”, que pode significar a fera ou pessoa de reconhecida sedução, em que predominam a elegância e a distinção fascinantes.	Sem nota. A palavra “leão” apenas foi incluída no texto. No dicionário, temos: 1. Mamífero carnívoro da família dos felídeos. 2. Valente; homem de grande coragem. 3. Fera; pessoa intratável. 4. Namorador jactancioso ou feliz. 5. Torcedor do Sporting Clube de Portugal. 6. Signo do zodíaco, entre Câncer e Virgem.

Essa nota de rodapé traz uma certa curiosidade: na primeira tradução, feita por Luciana Salgado, a nota de rodapé segue o seu original, porém, na segunda tradução, de Oscar Mendes, o tradutor nos traz uma nota de rodapé explicativa, recuperando, de certo modo, a intenção que o autor, Oscar Wilde, teve ao escrever o termo “Lion”.

Nota 7

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
Sem nota.	Sem nota. Na tradução foi deixado como Bayswater.	<i>Bayswater</i> . Bairro de Londres onde costumavam residir, no começo do século XX, mulheres “entretidas” pela aristocracia.	Sem nota. Na tradução, no corpo do texto, encontramos: “... Ou uma mulher em Bayswater.”

Aqui vemos que a tradução da Nova Aguilar, feita por Oscar Mendes, contém uma nota de rodapé que não aparece nem no original e nem na segunda tradução. Essa nota de rodapé, além de nos guiar para o que seria o termo “Bayswater”, também nos coloca dentro do sentido que ele tem no contexto da história. Dessa forma, nas três traduções, é possível notar a estrangeirização, conforme conceituada por Venuti (1995).

Nota 8

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
Sem nota.	Sem nota.	<i>Tête-à-tête</i>	Sem nota.
No original consta “tête-à-tête”.	Na tradução consta “tête-à-tête”.	Conversa�o a s�s.	Na tradu�o foi registrada no texto como “a s�s”.

Novamente,   possível perceber uma nota de rodapé que não consta no original tampouco na primeira tradu o. Já na tradu o do Kindle, notamos a presença da domestica o, pois o termo do texto-fonte foi facilmente incorporado ao corpo do texto, sem a necessidade de notas de rodapé.

Nota 9

Nota no original Landmark	Nota na tradu�o Landmark	Nota na tradu�o Nova Aguilar	Nota na tradu�o Kindle
<i>Moue</i>	<i>Moue</i>	Sem nota.	Sem nota.
In French: a discontent grimace.	Em franc�s: muxoxo.	Foi deixado no texto como “careta de amuo.”	Na tradu�o, encontramos “esbo�ando um amuo.” Ao pesquisar no dicion�rio do Kindle, a defini�o dada �: <i>S.M. 1. Manifesta�o de enfado que se revela por um sil�ncio obstinado e por se evitar de olhar para o seu causador. 2.Zanga passageira.</i>

Na primeira tradu o, o termo “Moue” foi mantido em francês e a nota de rodapé correspondente   idêntica   do texto-fonte. Já na segunda tradu o e na versão para o Kindle, o termo novamente   registrado no corpo do texto, sendo possível

verificar a domesticação, conforme Venuti (1995). Os pressupostos de Genette (1987) são notáveis nessa nota de rodapé, pois ela exemplifica, para o leitor, o termo escolhido em francês pelo autor, tornando a leitura prazerosa para ele. É possível, também, perceber como a nota de rodapé auxilia o leitor, para a compreensão do termo, indo ao encontro do que postula Grafton (1998).

Nota 10

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
<i>Sang-froid</i> In French: cold blood.	<i>Sang-froid</i> Em francês: sangue frio.	Sem nota. No texto foi registrado como sangue frio.	Sem nota. No texto foi registrado como sangue frio.

Novamente, temos, na tradução da Nova Aguilar e na do Kindle, a possibilidade de aplicação do conceito de domesticação, ao trazerem o texto culturalmente para o leitor do texto-alvo. A ideia de interpretação e recepção do leitor feita por Genette (1987) também é visível, fornecendo o contexto para que a obra seja compreendida, de uma melhor maneira, pelo leitor.

Nota 11

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
<i>General Boulanger</i> Boulanger, in French, is the one who makes and sells bread, the baker.	<i>General Boulanger</i> Boulanger, em francês, é aquele que faz e vende o pão; o padeiro.	Sem nota. Na tradução, foi mantido o termo <i>General Boulanger</i> .	Sem nota. Na tradução, foi mantido <i>General Boulanger</i> . Ao pesquisar no dicionário do Kindle, nenhuma correspondência foi encontrada.

Aqui temos a explicação, tanto no texto-alvo como na tradução da edição da Landmark, do termo *Boulanger*. Já a tradução da Nova Aguilar e a do Kindle não possuem essa nota de rodapé, e o termo *Boulanger* simplesmente foi incluído no texto. Quando analisamos o original e a tradução da Landmark, entendemos que ali consta um sentido por trás do termo *Boulanger*, enquanto que nas duas últimas traduções é possível haver um entendimento diferente do termo, possibilitando que o

leitor do texto-alvo considere *Boulanger* apenas como um sobrenome, e que o sentido por trás dele fique perdido. Nesse caso, ao realizar a análise da tradução, é possível a estrangeirização adotada pela tradução deixe de passar ao leitor o sentido do original.

Nota 12

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
<i>Gorgon</i> According to Greek mythology, the one who looked at the Gordon's eyes would become petrified.	<i>Górgona</i> Segundo a mitologia grega, aquele que mirasse os olhos da Górgona ficaria petrificado.	Sem nota. Foi incluído no texto como "cabeça da Górgona".	Sem nota. No texto foi registrado como "Górgones". Ao pesquisar no dicionário do Kindle, é possível encontrar: s.f 1. [Mitologia] Mulher mitológica com serpentes em vez de cabelos e poder de petrificar com o olhar. 2. Mulher muito feia e má= MEGERA 3. Abertura decorada com a forma de uma cabeça, por onde corre a água das cimalhas, das fontes e etc. = GARGULA. Sinônimo geral: GÓRGONA.

É possível verificar que a nota de rodapé da tradução da Landmark traz uma explicação mais aprofundada do termo *Gorgon*, enquanto a tradução da Nova Aguilar emprega o termo no texto sem a necessidade de uma nota de rodapé. Porém, a tradução do Kindle nos traz o termo Górgones, que pode causar certa estranheza para o leitor do texto-alvo, o que pode ser minimizado com uma consulta ao dicionário online acessível no dispositivo.

Nota 13

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
<i>Portière</i> In French: a curtain that is hung on a door or on a porch.	<i>Portière</i> Em francês: uma cortina que é pendurada em uma porta ou em um pórtico.	<i>Portière</i> Cortina.	Sem nota. A tradução manteve o original “Portière”. Ao pesquisar no dicionário do Kindle, nenhuma correspondência é encontrada.

No original e na tradução da Landmark, as notas de rodapé contêm a mesma explicação, porém, na nota traduzida da Landmark, o leitor se depara com o termo “pórtico”, que pode causar certa estranheza e dificuldade de compreensão. Já na tradução da Nova Aguilar, o termo simplesmente foi registrado no texto como “cortina”, sendo mais uma vez possível ver o conceito de domesticação em prática, enquanto a estrangeirização é notada na tradução do Kindle, na qual o termo do texto-fonte foi mantido.

Nota 14

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
<i>Petite</i> In French: small	<i>Petite</i> Em francês: pequena.	<i>Petite</i> Pequena.	Sem nota. A tradução manteve o original “Petite”. Ao pesquisar no dicionário do Kindle, nenhuma correspondência é encontrada.

Tanto na tradução da Landmark quanto na da Nova Aguilar, é possível notar que o termo “Petite” contém a sua explicação na nota de rodapé, mostrando, mais uma vez, que a teoria de Genette (1987) sobre os paratextos e a de Grafton (1998) sobre a importância da nota de rodapé são eficazes, ao apontarem que a nota deixa a experiência de leitura e a interpretação mais claras, porém, na tradução do Kindle, o termo “Petite” foi incluído no corpo do texto, e mesmo com a ajuda da ferramenta do dicionário do aplicativo, nenhuma correspondência é encontrada. O conceito de estrangeirização de Venuti, novamente, está presente na tradução do Kindle.

Nota 15

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
<i>Borgia</i> Borgia: dynasty of the Church, which Pope Alexander VI has belonged, famous for conspiracies and atrocities that it had committed.	<i>Borgia</i> Borgia: dinastia da Igreja, à qual pertenceu o Papa Alexandre VI, famosa pelas conspirações e atrocidades cometidas.	Sem nota. Foi mantido no texto como os Borgias.	Sem nota. Foi mantido no texto como os Borgias. Ao pesquisar no dicionário do Kindle, nenhuma correspondência é encontrada.

Nas traduções da edição da Nova Aguilar e do Kindle não consta a nota de rodapé referente ao termo “Borgias”, que foi mantido no corpo do texto. Já no original e na tradução da Landmark, o termo é explicado através das notas de rodapé, o que faz com que o leitor tenha um maior conhecimento acerca da passagem do livro que contém o termo. Ou seja, a necessidade de explicação apontada por Grafton (1998), mostra-se possível por meio das notas de rodapé, pois permitem ao leitor compreender melhor o sentido do trecho.

Nota 16

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
<i>Monsieur le mauvais sujet</i> In French: in this case, “mister naughty”.	<i>Monsieur le mauvais sujet</i> Em francês: nesse caso, “senhor malvado”.	<i>Monsieur le mauvais sujet</i> Seu sujeito mau.	Sem nota. Na tradução, foi mantido “Monsieur le mauvais sujet”. Ao pesquisar no dicionário do Kindle, nenhuma correspondência foi encontrada.

A expressão em francês “Monsieur le mauvais sujet” é explicada nas notas de rodapé tanto da edição da Landmark quanto na edição da Nova Aguilar, porém, na edição do Kindle, é possível perceber a estrangeirização, tendo sido o termo mantido em francês e utilizado no corpo do texto traduzido. Ao se pesquisar o termo no dicionário do aplicativo, nenhuma correspondência é encontrada, o que faz com que o leitor fique sem o pleno entendimento dessa passagem.

Nota 17

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
Sem nota.	Sem nota.	<i>Chiffons</i> Retalhos.	Sem nota. Na tradução foi mantido “Chiffons”. Ao pesquisar o termo no dicionário do Kindle, nenhuma correspondência foi encontrada.

Essa é uma das notas que mais nos chama a atenção, pois a nota de rodapé que consta na edição da Nova Aguilar, com tradução feita por Oscar Mendes, não aparece no original e nem na tradução da Landmark, revelando o cuidado que o tradutor teve com o leitor do texto-alvo, para que ele não ficasse “perdido” na leitura. Tanto na tradução da Landmark quanto na do Kindle, nota-se, portanto, o uso da domesticação.

Nota 18

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
<i>On a fait des folies pour moi</i> In French: They do crazy things for me.	<i>On a fait des folies pour moi</i> Em francês: Fazem loucuras por mim.	<i>On a fait des folies pour moi</i> Praticaram-se loucuras por minha causa.	Sem nota. Na tradução foi mantido “On a fait des folies pour moi”. Ao pesquisar no dicionário do Kindle, nenhuma correspondência foi encontrada.

A edição da Landmark e a edição da Nova Aguilar utilizam as notas de rodapé para explicar ao leitor do texto-alvo o significado da frase em francês “On a fait des folies pour moi”. Assim, mesmo que a estrangeirização esteja presente no texto, a explicação da frase se faz pelas notas de rodapé, empregando-se, em certa medida, uma domesticação.

Nota 19

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
<i>Cul-de-sac</i> In French: dead end.	<i>Cul-de-sac</i> Em francês: beco sem saída.	Sem nota. Na tradução foi mantido como “beco sem saída.”	Sem nota. Na tradução foi mantido “Cul-de-sac.” Ao pesquisar no dicionário do Kindle, nenhuma correspondência foi encontrada.

Nessa nota de rodapé, é possível notar, na edição da Landmark, que a tradução corresponde ao texto original. Na edição da Nova Aguilar, o termo foi empregado no corpo do texto como “beco sem saída”, sendo possível verificar a domesticação de Venutti (1995). Já na edição do Kindle, é possível verificar a estrangeirização, com o termo em francês, que consta no original, mantido no corpo do texto-alvo.

Nota 20

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
<i>Mansion House</i> The City Hall of London.	<i>Mansion House</i> A prefeitura de Londres.	Sem nota. Foi mantido no texto como Prefeitura de Londres.	Sem nota. Na tradução foi mantido “Mansion House.” Ao pesquisar no dicionário do Kindle, nenhuma correspondência foi encontrada.

No original e na tradução da Landmark, a nota de rodapé explica o termo “Mansion House”, enquanto a tradução da Nova Aguilar retira a nota de rodapé e incorpora ao texto o termo, já traduzido, para prefeitura de Londres, facilitando a leitura para o público-alvo. Já na edição do Kindle, o termo foi mantido em inglês, o que pode dificultar que o leitor entenda a questão cultural, pois o termo “Mansion”, por ser um cognato, faz com que o leitor o assimile por “Mansão”, e, assim, o sentido de Prefeitura de Londres é “perdido”.

Nota 21

Nota no original Landmark	Nota na tradução Landmark	Nota na tradução Nova Aguilar	Nota na tradução Kindle
Sem nota.	Sem nota.	<i>Mudie</i> Biblioteca circulante, muito popular em Londres.	Sem nota. Na tradução foi mantido “Mudie”. Ao pesquisar no dicionário do Kindle, nenhuma correspondência foi encontrada.

Essa última nota de rodapé consta na edição da Nova Aguilar, com tradução de Oscar Mendes, porém não está presente nem no original e nem na edição da Landmark. O tradutor, ao adicionar, por conta própria, uma nota de rodapé e mostrar ao leitor o significado do termo “Mudie”, permite ao leitor vislumbrar o significado do termo, e compreender, assim, com maior clareza, o sentido do texto literário. Na edição no Kindle não consta nota de rodapé, e o termo “*Mudie*” foi mantido no corpo do texto, sem correspondência no dicionário do dispositivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oscar Wilde era conhecido por frequentemente fazer uso de expressões em francês em suas obras. No conto *Lord Arthur Savile's Crime*, o autor fez uso de várias notas de rodapé, em sua maioria com o objetivo de explicar termos em francês que ele pode ter considerado desconhecidos para o seu público leitor.

A análise do referido conto e de algumas de suas traduções publicadas no Brasil – por Luciana Salgado, Oscar Mendes e pelo Kindle (cujo tradutor não foi possível identificar) – mostraram uma verdadeira mistura dos conceitos de estrangeirização e domesticação, postulados por Venuti (1995), e a importância dessas notas, segundo Genette (1987) e Grafton (1998), para a experiência do leitor do texto literário e a sua compreensão da obra. A tradução de Luciana Salgado ficou mais próxima ao original, e um dos motivos de isso ter acontecido deve-se ao fato de se tratar de uma edição bilíngue, com o cotejo estabelecido por parte da editora. Já a tradução de Oscar Mendes ficou mais livre em relação ao texto-fonte, e nela foi possível, por várias vezes, notar a ausência das notas de rodapé, com os termos das notas do original simplesmente incluídos no corpo do texto, o que muitas vezes permitiu vislumbrar o conceito de domesticação, conforme proposto por Venuti (1995).

A edição do Kindle traz as seguintes características: a primeira é que não foi possível localizar o tradutor dessa obra em específico, pois essa informação não consta em lugar algum da edição de e-book analisada; a segunda é o fato de não haver sequer uma única nota de rodapé especificamente nesse e-book, com a maioria dos termos mantidos em francês, assim como estavam no original, e sem a possibilidade de pesquisa por parte do dicionário que o próprio dispositivo disponibiliza. Foi possível notar, também, que o dicionário só funcionava quando o termo procurado estava em inglês; quando o termo estava em francês, o que aconteceu na maioria das vezes, nenhuma correspondência foi encontrada.

Essas constatações nos levam a crer que, mesmo com o avanço da tecnologia, essa edição em específico para o dispositivo Kindle não faz com que a leitura seja uma leitura prazerosa, ou mesmo facilitada, nesse caso, pois a maioria dos termos encontrados eram em francês, e o dicionário não foi capaz de auxiliar o leitor em sua compreensão.

Algumas notas de rodapé, quando analisadas com mais profundidade, ainda assim não se revelaram úteis para auxiliar o leitor de forma compreensiva, pois os termos e expressões ainda restaram desconhecidos. Nesses casos, foi possível perceber ainda mais válida a afirmação de Genette (1987) e de Grafton (1998), autores que reafirmam ser a função dessas notas auxiliar e aproximar o leitor do texto, para uma melhor compreensão da obra. Também foi possível analisar que a estrangeirização, conceito postulado por Venuti (1995), muitas vezes encontrada nas notas de rodapé, também não auxiliou o leitor para uma melhor compreensão do texto literário, podendo ele ter ficado perdido no decorrer da leitura. Já as partes em que foi identificada a ocorrência da domesticação trouxeram uma maior proximidade entre o leitor e o texto, tornando a leitura mais prazerosa e fluida, uma vez que o original possui muitos termos em francês, o que poderia representar uma dificuldade para o leitor.

REFERÊNCIAS

- COELHO, F.; FERNANDES, T. O modo de traduzir de Odorico Mendes:: Observações acerca do canto I da Eneida brasileira. **Belas Infiéis**, Brasília, Brasil, v. 3, n. 2, p. 63–75, 2015.
- GENETTE, G. **Paratextos Editoriais**: Literatura. São Paulo: Ateliê Editorial, 1987. 361 p.
- GIBBON, E. Enlightenment. **Enlightenment**, [S. l.], p. 20-25, 25 jun. 1997.
- GRAFTON, A. **As origens trágicas da erudição**: pequeno tratado sobre a nota de rodapé. São Paulo: Papyrus Editora, 1998. 183 p.
- VENUTI, L. **The Translator's Invisibility**: A History of Translation. London: Routledge, 1995.
- VENUTI, L. **The scandals of translation**. London: Routledge, 1998.
- WILDE, O. **Contos completos**. Edição bilingue português-inglês. Tradução e notas de Luciana Salgado. Rio de Janeiro: Landmark, 2018. 352 p.
- WILDE, O. **O Crime de Lord Arthur Savile**. [S. l.]: Mimética, 2023. E-book.
- WILDE, O. **Obra Completa**. Tradução de Oscar Mendes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. 1470 p.
- OLIVEIRA, J. Q. de. Homero brasileiro: Odorico Mendes traduz a épica clássica. **Nuntius Antiquus**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 7–21, 2011. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/17225. Acesso em: 27 out. 2023.